

Apresentação

No transcurso dos últimos semestres, a Revista *Interfaces Brasil/Canadá* vem passando por importantes transformações editoriais, que se afirmam com o objetivo de evidenciar o escopo da publicação, desenhado pelos seus idealizadores, e de amplificar o seu alcance, modernizando-a. Apesar da suspensão dos recursos do programa do governo canadense *Understanding Canadá*, em 2012, a revista não apenas segue ativa, como vem sendo fortalecida, não sem grande esforço de todos os envolvidos, desde então, nesta empreitada. Desde aquele ano, migrou para o sistema SEER/OJS da base Unilasalle, manteve a regularidade das publicações, conquistou as primeiras indexações, ampliou a quantidade de submissões que lhe chegam, internacionalizando-as ainda mais, e vem garantindo a continuidade das edições impressas. Além disso, o Conselho Editorial foi ampliado e renovado e o novo *site* foi inteiramente reformado em função do parecer do importante indexador SciElo, cuja chancela os editores têm procurado alcançar com grande dedicação e aferro, vez que são inúmeros e complexos os aspectos que hoje envolvem a profissionalização do processo de edição das revistas acadêmicas, no Brasil e no mundo. Nada disso teria sido possível sem o concurso estratégico dos avaliadores – membros efetivos do Conselho Editorial ou *ad hoc* –, que generosamente têm produzido, no âmbito da dinâmica da avaliação duplo-cega, pareceres detalhistas e exigentes, em geral emitidos em respeito aos prazos sugeridos pela Editoria e desenhados pelo regimento da revista. Um preito de reconhecimento cabe também aos autores dos artigos e aos organizadores de dossiês que têm nos

ajudado a manter e a aprimorar a qualidade do conteúdo aqui veiculado.

O número 1, volume 15 (20º fascículo) da Revista *Interfaces: Brasil/Canadá* segue como o resultado profícuo da parceria da Abecan com o Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, do Centro Universitário La Salle (Unilasalle), com o Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e com o Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Universidade de São Paulo (USP). Muitos têm sido os colaboradores que vêm concorrendo para a eficácia dessa aliança nos últimos semestres. Pela UDESC, cabe agradecer especialmente ao Professor Murilo Scoz e a sua equipe de diagramadores, que têm sido responsáveis pelo competente trabalho de editoração e de impressão da revista. A USP assumiu a revisão dos textos em inglês e em francês e a servidora Michele Odete dos Santos tem nos ajudado com a gestão da revista eletrônica. Além disso, professores do *Diversitas/USP* estão se engajando na proposição de dossiês, a serem organizados em parceria com autores de outros países, com foco na área de Direitos Humanos. Finalmente, cabe um especial agradecimento aos Professores César Meurer, diretor da editora do Unilasalle, que também integra o Comitê de Ética desta revista, e Clede Casagrande, Vice-Reitor, os quais se empenharam no sentido de preservar a participação do Unilasalle no processo editorial, garantindo o acolhimento da revista no SEER e cobrindo as despesas com revisão gramatical dos textos em espanhol e em português. Acreditamos que a fórmula tem dinamizado as relações entre três pós-graduações com foco da área interdisciplinar, de diferentes universidades e estados do país, incrementando os índices de

produtividade acadêmica e de interação social dos mesmos.

A edição que se apresenta aos leitores, além de suas seções correntes, oferece, pela primeira vez, dois dossiês, coincidência esta que se deve a dois fatores. Em primeiro lugar, a presteza com que os organizadores atenderam ao apelo dos editores para adiantarem o processo de edição em virtude do cancelamento inesperado, em meados de 2014, de um dossiê que seria organizado por um professor francês, ligado à parte da antiga Editoria. Aos editores convidados, assim, somos penhoradamente agradecidos. Mas, além disso, as novas diretrizes do SciELO, indexador cuja chancela buscamos, passaram a recomendar, desde fins do ano passado, um número superior a 24 artigos inéditos por ano, referencial da área das Letras que vínhamos até o momento obedecendo. Assim, a partir de agora, a revista provavelmente publicará um volume maior de artigos inéditos, bem como se estuda a edição quadrimestral de seus fascículos (atualmente, tem periodicidade semestral), o que deverá fortalecer ainda mais a sua posição em outras áreas, notadamente a Interdisciplinar, na qual a revista pontua com honrosos A 2 no *Qualis Capes*.

Os dois dossiês serão comentados mais detidamente pelos seus respectivos organizadores, logo a seguir, mas cabe referir a forte sinergia entre as suas propostas e os programas de pós-graduação que atualmente albergam a revista. O dossiê *Représentations mémorielles individuelles et collectives dans les récits fictionnels québécois et brésiliens*, operando na fronteira entre a História Cultural, a Literatura Comparada, as Artes e os estudos sobre a Memória, debruça-se sobre a problemática das múltiplas expressões estéticas dos jogos de memória, considerando a forma como se

articulam à história e ao espaço geográfico para reverberar a construção de identidades individuais ou coletivas. Já o dossiê *Vasos Gregos no Museu de Ontário*, a partir das disciplinas da Arqueologia Clássica e da História da Arte Antiga, que até então não haviam figurado com contribuições nas páginas dessa revista, propõe uma fórmula vivamente criativa de evidenciar, por meio do debate acadêmico de alto nível, um expressivo acervo preservado em um dos mais importantes museus do continente americano, o que enfatiza o compromisso da ABECAN e da Revista *Interfaces* com a valorização e a divulgação do patrimônio cultural de nossas nações. Ambos os dossiês abraçam a internacionalização, mobilizando contribuições de autores vinculados a instituições brasileiras e estrangeiras, bem como a participação ativa de pareceristas *ad hoc* de vários países, como Portugal, Argentina e França.

A seção ***Paisagens, patrimônios, legitimidades e educação nas Américas*** conta com o artigo *Racionalización cultural de adicciones mediante representación narrativa del trauma poscolonial en reservas indígenas canadienses*, de Alfonso Marquina-Márquez, Jorge Virchez e Raúl Ruiz-Callado, o qual examina como discursos de saúde mental, produzidos no contexto de um movimento social de revitalização indígena, proporcionam uma racionalidade cultural para a construção contemporânea da identidade, a partir de uma investigação etnográfica qualitativa que utiliza técnicas baseadas em entrevistas e observação participante. Os autores concluem que os problemas psicossociais nas reservas indígenas transcendem o fenômeno epidemiológico para se converter em uma temática política e social.

A seção *Estudos Canadenses Comparados* conta com o artigo *Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil e no Canadá*, de Cynthia Mara Miranda, que comenta a criação e gestão de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil e no Canadá, em uma perspectiva comparatista, e como desdobramento de intensa mobilização dos movimentos feministas, objetivando compreender os conflitos e as disputas que demarcam a relação entre os movimentos feministas e os governos federais em prol da igualdade entre os gêneros.

Na seção *Estudos literários e culturais*, o artigo *Symbolic Mediation in the Red Foot Saga*, de Tamer Thabet e Ana Priscilla Christiano, analisa o videogame, produção canadense/brasileira, *Saga Pé Vermelho (Red Foot Saga - RFS)*, no qual se propõe uma narrativa sobre a memória cultural da cidade de Londrina, no Paraná. Objetiva-se examinar a função de mediação simbólica por meio da linguagem não verbal.

Os artigos reproduzidos neste número transitam com desenvoltura por áreas variadas, como a de Letras, a Literatura, as Artes, a Antropologia, a Arqueologia, a História, os Direitos Humanos e a Saúde, espelhando a dinâmica interdisciplinar à qual a Revista *Interfaces* se propõe. Doutra sorte, os autores estão vinculados a diversas instituições de ensino superior, situadas em diferentes regiões, no Brasil e no Canadá, e também na Europa, realçando o alcance do periódico. O conjunto desse número testemunha a pujança dos estudos canadenses e reafirma a projeção da *Interfaces* como veículo capaz de espelhar essa realidade, dinamizando a interlocução científica entre intelectuais do Brasil e do Canadá. Desejamos

agradecer a todos os pareceristas, revisores e auxiliares que contribuíram para tornar esta edição possível.

Gunter Axt, editor-chefe

Zilda Maria Gricolli Iokoi, editora-assistente

Monique Vandresen, editora especial de editoração e de impressão

Representações da memória individual e coletiva nos relatos ficcionais quebequenses e brasileiros.

O presente número da Revista *Interfaces* Brasil/Canada se abre com artigos oriundos do Colóquio *Représentations mémorielles individuelles et collectives dans les récits fictionnels québécois et brésiliens*, organizado no seio do 82º Congresso da ACFAS – *Association Canadienne-Française pour l’Avancement de la Science*. Nossa problemática esteve centrada na exploração de múltiplas expressões estéticas dos jogos de memória, considerando a forma como eles articulam a memória, a história e o território para encenar a construção de identidades individuais (narrativas de vida, experiência do íntimo) ou coletivas (narrativas míticas, de fundação da nação, de mobilidades e transferências de memória).

Os cinco artigos constituem uma abordagem de universos literários surgidos a partir da segunda metade do século XX, analisando novas atitudes em relação à escrita literária; retratam as novas relações inferidas por um

mundo cada vez mais urbanizado, submetido a um processo de globalização da comunicação e da economia. Eles focam narrativas marcadas pela expressão da memória em relatos ficcionais ou autobiográficos.

Na sua maioria, são estudos comparativos que, ao confrontar obras de autores brasileiros e quebequenses, revelam uma grande similaridade de experiências, em parte originada por uma história comum de colonização. A figura dominante é a de um sujeito deslocado, que perdeu as suas redes de sociabilidade e é levado a enfrentar sozinho a miséria e a violência do mundo urbano. Para o Brasil, ele é o *Sertanejo* retratado por Antônio Torres, imigrante na cidade de São Paulo, de que fala Lícia Soares de Souza, ou o *Candango* explorado, que participa da construção eufórica de Brasília, no universo literário de João Almino, evocado por Maria Zilda Curi. Esses remanescentes de um mundo rural, ao qual o romance de 30 deu uma voz, experimentam novas desesperanças e vivem a ruína das utopias. O seu fracasso reveste uma dimensão individual e coletiva. Como analisa Lícia Soares de Souza, o choque cultural os leva a se moverem dentro de um círculo de morte, no qual o suicídio se torna a única forma de dominar o seu destino, de reafirmar a sua liberdade. O mesmo fenômeno reflete no Quebec uma forma exacerbada que atinge as novas gerações, conforme demonstra o romance de Myriam Caron, a ponto de se tornar um fenômeno de saúde pública. O interesse levantado por Lícia Soares de Souza está na reversibilidade do processo. Se a morte expressa o apagamento e a negação total do sujeito, fato que ela analisa à luz da semiótica, como a perda de signos, reveladora da perda do significado da vida, por outra parte dá sentido à comunidade a partir do momento em que, recuperada

pela família ou pela coletividade, a morte se torna objeto de construção memorial e produtora de novas trocas culturais. Essa forma de linguagem, que expressa a subjetividade do sujeito e da comunidade, é recuperada pelo tecido da narrativa.

Os dois romances analisados por Brigitte Thiérion ampliam a noção de deslocamento a um nível internacional, figurando as experiências de sujeitos exilados no espaço dos continentes norte e sul-americano. Essas experiências fazem parte da história do sujeito moderno, ou por se tratar dos emigrantes dos países bálticos do início do século XX, ou dos *boat people* oriundos da Ásia, vítimas da miséria econômica, das perseguições políticas e religiosas. Assim, o universo de Sérgio Kokis e de Kim Thũy apresentam duas vertentes contrastadas dessas migrações que interrogam a noção de hospitalidade, confrontando-a às representações imaginárias tradicionais do continente americano: se o território resiste às utopias religiosas e coletivas totalizadoras, conforme demonstra o fracasso vivido no Brasil pelos antepassados de Sérgio Kokis. No entanto, pode ser um território de fundação para o *boat people*, sujeito desmemoriado, sujeito nu, encarnado na figura de uma criança inocente, por meio da experiência vivida por Kim Thũy. No limiar do ficcional e do autobiográfico, ambas as narrativas refletem o esforço de integração do sujeito deslocado e a sua vontade de incorporação no território americano, seja pela reconstrução de uma memória perdida, seja pela (re)significação das figuras míticas fundadoras, capazes de curar simbolicamente as chagas abertas deixadas pela história. Nos dois relatos, o território quebequense é eleito como um espaço habitável.

Os sujeitos descritos nas narrativas analisadas, em sua maioria, pertencem ao submundo e vivem em uma interação constante, de atração ou rejeição, com o centro. Essa interação pode ser aniquiladora, como vemos na história narrada por Sérgio Kokis, ou transformadora, conforme analisa Ivete Walty. Em ambos os casos, é reveladora da luta travada contra as forças dominantes. A análise da edição e da recepção crítica da obra de Carolina Maria de Jesus apresenta algumas das formas de controle ao qual é submetida a palavra marginal, bem como o peso das representações elaboradas pela sociedade dentro de um sistema político centralizador e elitista, que regimenta a produção literária e o cânone. Mas o controle não consegue sufocar a palavra popular, que se manifesta de forma irreprimível, afirmando a sua criatividade e a sua natureza profundamente dissidente. Como aponta Ivete Walty, a pós-modernidade necessita de uma renovação das posturas críticas, frente a narrativas que impõem novas formas literárias, enriquecendo o aspecto dialógico da forma romanesca tradicional que incorpora a alteridade. As narrativas se abrem às margens – pessoas e/ou lugares periféricos, assim como às novas formas de se relacionar com a cidade. A exclusão e o nomadismo urbano, descritos pela escritora quebequense Marie Gagnon, revelam-se propícios à construção de novos caracteres que rejeitam a unicidade e, por incorporar várias subjetividades e novas linguagens, participam da construção de uma nova personagem literária. As formas ficcionais, emanando de vozes periféricas, expressam esteticamente uma mensagem política integradora. O conceito de fronteiras culturais, evocado por Lícia Soares, aparece novamente, agora como espaço de mediação e de negociação construído graças e pela narrativa ficcional.

A postura poética do geógrafo-poeta Jean Morisset, analisada por Rita Godet, alarga a noção de fronteiras no limiar do espaço geográfico e de gênero quando abrange, em um ensaio poético, a experiência do continente americano a partir do conceito geopoético de Kenneth White. A interação entre o sujeito e o espaço faz emergir a memória do continente, uma memória abafada por baixo do asfalto ou esquecida em territórios longínquos e desertificados. Trata-se da memória desprezada das primeiras nações americanas. Esses povos rejeitados, considerados periféricos, despossuídos de seus territórios ancestrais e rejeitados nos limiares da *polis*, conheceram, de norte a sul do continente, o mesmo processo de “depossession” e desterritorialização, e vivem um genocídio cultural, prelúdio a um verdadeiro etnocídio. Rita Godet demonstra como a palavra poética, cruzando o conhecimento geográfico e histórico, recupera e ecoa a memória das vozes do passado em uma afirmação estética e política subversiva.

Maria Zilda Curi abre também o seu estudo a um conjunto de narrativas brasileiras contemporâneas e levanta um paradoxo fundamental. Se a modernidade, fundada sobre a ausência de memória, é marcada pela *amnésia cultural* e suas consequências destrutoras, o tratamento da memória não deixa de ser uma temática recorrente. Ela interpreta esse fenômeno como a prova de que a literatura, em sua essência, é uma expressão da consciência, referindo-se ao drama íntimo do sujeito ou, mais largamente, da sociedade. Assim, a ficção revela doenças memoriais, a exemplo dos romances de Michel Laub, nos quais a *Shoah*, ou o genocídio Tutsi, aparecem no mesmo plano que o cotidiano, operando um cruzamento entre momentos históricos e coletivos marcantes e fatos pertencentes à

vida ordinária ou íntima. A falta de hierarquização entre eles parece renovar incessantemente a pergunta formulada depois do genocídio: como escrever depois do *trauma*? Pergunta que pode ser seguida por outra: o que é o *trauma*? O sujeito tem ou não direito ao esquecimento? Nesses cruzamentos e sobreposições entre o drama individual e o drama coletivo, a literatura espelha as interrogações do sujeito anônimo sobre o seu direito a ter um espaço subjetivo frente à história, ao poder, à sociedade, à família.

Essa última análise esclarece um elemento presente em todos os artigos, exemplificado, a partir do filme *La Grande Bellezza*, de Paolo Sorrentino (2013), referido por Maria Zilda Curi. Trata-se de uma postura que se volta sobre a noção de *polis*. Nesse esquema, o espaço da narrativa, espaço ficcional, pode ser visto como o espaço integrador da *polis*. As narrativas brasileiras atuais incorporam os problemas ligados à modernidade e por isso expressam a contemporaneidade. Elas fazem história, espelhando o choque das culturas, a solidão, a perda de sentido, a vivência depois do *trauma*, em uma dimensão individual e coletiva. Assim sendo, elas reincorporam a voz dos anônimos, dos excluídos, e assumem um papel mediador dentro da sociedade. Acolhendo o diverso, o Outro e os espaços periféricos, a ficção inventa novas formas literárias que exploram, em certas vertentes, uma linguagem de um realismo cru que subverte e renova os cânones. Elas reapresentam o trágico de uma forma renovada, encontrando-o perto de nós, dentro do cotidiano. E, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que elas representam a aporia da hospitalidade radical, segundo Derrida, empenham-se em construir ou figurar novas redes de sociabilidade. Como espaço de resistência, expressam uma forma de

esperança, imaginando outras alternativas à experiência fracassada do real. Em um processo, qualificado de “delicado”, segundo o conceito do crítico Denilson Lopes (LOPES, 2007), como salienta Maria Zilda Curi, a ficção reverte os aspectos negativos para encontrar um meio de transformar o real, de superar as dificuldades e de tornar habitável o espaço desqualificado. Dessa forma, a ficção se mostra favorável aos vencidos, excluídos, párias e vítimas. Ela pode ser vista como um meio de (re)encantar o mundo e de mudar o destino graças ao poder do imaginário. De acordo com os cinco artigos, o espaço da memória se tornaria, então, um bastião capaz de (re)inventar o mundo e de expor, na *agora* da narrativa, novas formas de utopia.

Ao finalizar esta apresentação, devemos ressaltar que, há mais de dez anos, organizamos colóquios no congresso da ACFAS, reunindo professores e pesquisadores que testemunham o caráter multifacetado dos estudos culturais brasileiros e quebequenses em uma intersecção cada vez mais profícua. Com efeito, a produção constante de estudos comparados tem fortalecido a coesão de nossa equipe, cujos interesses ultrapassam as fronteiras do nacional, para perseguir problemáticas sempre antenadas com as preocupações de uma identidade continental, relativa ao modo de existência das três Américas.

Editoras convidadas

Brigitte Thiérion

Lícia Soares de Souza

Rita Olivieri-Godet

Vasos gregos no Museu Arqueológico de Ontário, Toronto

O dossiê *Vasos gregos no Museu Arqueológico de Ontário, Toronto*, resulta de uma parceria entre a Revista *Interfaces Brasil/Canadá* e o Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga, da Universidade Federal de Pelotas (LECA/UFPel), e tem como objetivo alargar, para o campo da cultura material, iconografia e arqueologia, os diálogos culturais entre o Brasil e o Canadá, ensejados por este periódico, já amplamente desenvolvidos no campo dos estudos literários. Propôs-se, aqui, reunir diferentes olhares e interpretações de pesquisadores brasileiros sobre a coleção de vasos gregos antigos conservados no *Royal Ontario Museum* de Toronto.

No continente americano, além do grande número de importantes coleções de vasos gregos existentes nos Estados Unidos, que em reconhecimento se colocam ao lado das coleções europeias, outros países possuem coleções de destacado valor arqueológico e patrimonial. Na América Latina, poderíamos citar as coleções de Havana, Buenos Aires, Montevidéu, São Paulo e Rio de Janeiro. Lançar um olhar ensaístico sobre a coleção de Toronto, e ao mesmo tempo colocando-se em tela seu valor para o conhecimento da antiga civilização grega, constitui-se, também, uma estratégia para a valorização patrimonial destas coleções, uma vez que estes países citados têm em comum possuírem, entre seu patrimônio cultural musealizado, a responsabilidade pela guarda e conservação, em nosso continente, de exemplares materiais que dão sustentação à memória da humanidade relativa às experiências históricas do Mediterrâneo Antigo.

A coleção de vasos cerâmicos conservados no Museu Real de Ontário, Toronto, já foi objeto de duas publicações sistemáticas: o catálogo de D. M. Robinson & C. G. Harcum, de 1930, e o volume do *CORPUS VASORUM ANTIQUORUM*, de autoria de J. W. Hayes, de 1981¹. Neste dossiê, os autores dedicaram-se à análise de algumas das peças publicadas, e propuseram-se menos a produzir sistematizações conclusivas e mais a construir possíveis interpretações, daí o tom ensaístico, em alguns textos recorrendo inclusive a ferramentas menos ortodoxas de reflexão acadêmica.

Os textos aqui reunidos apresentam discussões e reflexões em relação ao uso da cultura material e iconografia na construção do conhecimento histórico sobre a Antiguidade, contribuições que refletem a maneira como os pesquisadores brasileiros especializados em estudos clássicos têm participado dessa construção. Arqueólogos e historiadores escolheram um ou mais vasos, ou mesmo um conjunto destes, e propuseram reflexões que apontaram o potencial destas peças para a compreensão de alguma faceta da cultura e da sociedade da Grécia Antiga por meio das possíveis abordagens desta particular categoria da cultura material. Oscilando entre ceramologia e iconografia; as reflexões acerca da cultura material vascular foram elaboradas do ponto de vista de sua forma, assim como de imagens narrativas e ornamentais que carrega.

Predomina, entre os textos, o perfil ensaístico; a partir do estudo

¹ David Moore Robinson & Cornelia Gaskin Harcum. A catalogue of the Greek vases in the Royal Ontario Museum of Archaeology, Toronto, 1930. *CORPUS VASORUM ANTIQUORUM*, Canada (Fascicule 1), Toronto (Fascicule 1). The Royal Ontario Museum (Attic Black-Figures and Related Wares), by J. W. Hayes, Union Académique Internationale, Oxford University Press, 1981. (<http://www.evaonline.org/XDB/ASP/browseCVAtext.asp>).

de peças de Ontário, dialoga-se com outros estudos temáticos e outras coleções, esboçando-se possibilidades interpretativas as mais variadas. Casamento e mito, guerreiros e heroísmo, esporte e aristocratismo, atribuição e relevância arqueológica, forma e ornamentação, produção e tradição. Diversos enfoques impulsionaram a reflexão destes pesquisadores, motivados pelo desejo de compreensão de questões suscitadas por alguns dos vasos conservados no museu de Toronto. Algumas questões transversais despontam, como, por exemplo, a questão da memória e tradição gráfica.

O estudo iconográfico é o ponto de partida de *Dioniso e Ariadne sob a harmonia de Apolo: uma leitura iconográfica da música no cortejo nupcial*, de Lidiane Carolina Carderaro dos Santos e Fábio Vergara Cerqueira, propõem uma reflexão acerca do papel da música nos rituais nupciais gregos a partir da análise das imagens de uma ânfora de figuras negras, produzida na Ática no século VI a. C., que apresenta um cortejo nupcial com quadriga. Uma singular contribuição deste texto é a relação que estabelece entre a recorrência iconográfica de figuras mitológicas nas cenas de cortejo com quadriga, e o recorrente repertório literário de canções ligadas aos festejos matrimoniais, que comparam os noivos e noivas a divindades ou heróis e heroínas. Ao mesmo tempo, avança sobre a simbologia da tensão e complementaridade apolíneo-dionisíaca no que se refere a uma idealização do matrimônio, que faz pensar na metáfora da harmonia como valor norteador da vida conjugal. Por fim, aponta, também, como a presença de Apolo citaredo nos cortejos nupciais nos remete à atmosfera festiva e jocosa destes rituais.

Na mesma linha dos estudos iconográficos, questões ligadas

ao guerreiro e ao heroísmo se fazem presentes em dois textos. José Geraldo Costa Grillo em *O Duelo entre Ajax e Heitor pelo Pintor de Antímenes* traz discussões acerca das atividades guerreiras na sociedade ateniense, do ideal heroico e do duelo como uma forma de preservação da memória, utilizando a documentação escrita – sobretudo as descrições do combate entre Ajax e Heitor presentes na *Iliada*, e na construção do esquema iconográfico produzido durante os séculos VI e V a. C., recorte cronológico em que se posiciona o Pintor de Antímenes, artista ao qual se atribui a ânfora estudada pelo pesquisador. O guerreiro volta ao foco na contribuição de Marta Mega de Andrade, *Cenas de partida: um ensaio de análise da iconografia*. A autora retoma estudos realizados anteriormente (em 1998 e 2002) sobre a iconografia das cenas de partida nos vasos áticos de figuras vermelhas, voltando sua atenção para três ânforas de figuras negras, datadas de 550-500 a. C. Propõe uma hipótese sobre as cenas de partida e seu contexto de produção, recepção e consumo, relacionando a busca de uma interpretação das cenas a uma explicação que retorne ao contexto social e cultural em que se produzem diversas possibilidades e motivações para o uso e consumo desses vasos pintados. A autora defende, em primeiro lugar, que as cenas de partida do guerreiro integravam uma série percebida como tal em seu próprio tempo; e, em segundo lugar, que essas cenas precisam ser compreendidas como explorações visuais de um ritual – não necessariamente “real” – que dizia respeito a uma relação da família com a guerra e à comunidade que enfatizava as classes de idade masculinas da efebria e da atividade hoplítica. Para este estudo, recorre à abordagem semiótica e iconológica, fazendo dela ao mesmo tempo objeto

de reflexão teórica.

A matriz iconográfica baliza ainda o estudo de Fábio de Souza Lessa, intitulado *Hipismo: práticas esportivas, práticas aristocráticas na imagética ática (séculos VI ao V a. C.)*. O autor parte do princípio de que a produção de imagens revela o imaginário social do momento em que são produzidas, daí que as cenas de hipismo testemunhariam elementos aristocráticos do imaginário social ateniense. Propõe-se analisar como as corridas a cavalo e de carro, representadas na pintura de vasos áticos de figuras negras do séc. VI e início do séc. V, estavam relacionadas à continuidade de ideais aristocráticos, diferentemente do observado com relação a outras provas atléticas, como arremesso de disco e de dardo, ou salto com halteres, que refletem, ao longo do século V, um avanço de ideais democráticos, em particular na sociedade ateniense. Para desenvolver sua análise, recorre a autores e obras levemente posteriores aos vasos estudados, de modo a evidenciar a persistência deste fenômeno do séc. VI ao IV a. C.

As demais contribuições, mesmo que não abandonem de todo questões de ordem iconográfica, inserem-se, contudo, num domínio mais amplo da ceramologia, colocando, cada um a seu modo, temas relevantes nesta seara, algo tradicionais, algo inovadores.

Camila Diogo de Souza oferece um estudo abrangente e sistemático, sobre os motivos decorativos não figurados nos vasos de figuras negras, propondo que há uma tradição ornamental que remonta ao período geométrico. Em *Les motifs ornementaux non-figurés des vases à figures noires de la collection du Musée royal de l'Ontario, Toronto, Canada:*

éléments iconographiques de tradition Géométrique?, a autora apresenta os motivos de formas estilizadas e geométricas que encontram suas origens e seu desenvolvimento na Grécia do Período Geométrico (entre 900-700 a. C. aproximadamente), de maneira a enfatizar que elementos iconográficos de “permanência” ou “continuidade” poderiam representar uma certa “tradição Geométrica”, assim como discutir os “novos” motivos, incorporados como padrões na composição da decoração do estilo de figuras negras a partir do século VI a. C. O estudo da ornamentação pictórica dos vasos, da forma como abordado pela autora, permite se pensar o quanto as tradições artesanais são veículo de memória social de longa duração.

Tradição e memória voltam a ser problema de análise no estudo sobre as ânforas panatenaicas, proposto por Gilberto da Silva Francisco. Em *Vasos áticos e tradição panatenaica: uma reflexão a partir do acervo do Museu Real de Ontário, Toronto*, o autor fala sobre a constituição de uma tradição no âmbito da produção de ânforas panatenaicas. A partir da análise morfológica e iconográfica de duas ânforas panatenaicas e duas ânforas com pescoço, o autor discute as especificidades e as influências dessas formas na produção de vasos no final do século VI e início do V a. C. Ainda, o autor demonstra que os percursos de um objeto não dizem respeito apenas aos seus contextos de produção e uso: analisando a incorporação desses vasos na coleção do Museu de Ontário, reforça como a ressignificação dos objetos ao longo do tempo e do espaço influenciam diretamente em nossos exercícios interpretativos.

Influência sobre exercícios interpretativos vem a ser a preocupação central também de Carolina Kesser Barcellos Dias, quando, em seu ensaio

“*Les petits vases moches*” du Musée Royal d’Ontario, a autora se esforça em retirar toda uma extensa série de léцитos áticos de figuras negras, produzidos no final do século VI e durante a primeira metade do séc. V a. C., do lugar secundário – de irrelevância e quase invisibilidade arqueológica – ao qual foi relegada pelos modelos e julgamentos interpretativos modernos, conforme critérios alheios aos contextos de sentido contemporâneos à produção destes vasos. Ao apresentar aspectos e possibilidades de abordagens metodológicas da ceramologia, a autora discute questões pertinentes aos estudos atribucionistas e, sobretudo, reflete sobre a maneira como esses conjuntos de pequenos vasos de figuras negras foram sendo tratados pela ceramologia, e como a literatura arqueológica, os catálogos, e as discussões atuais pensam essa documentação em relação a outros conjuntos de vasos. A forma aberta, preocupando-se mais em problematizar, em abrir questões, do que em fechar assertivas conclusivas, é pertinente a um texto como este, que clama pela reabertura de um debate. De forma mais livre, própria a um ensaio, faz uso, como fulcro para problematizações, de procedimentos heterodoxos na composição de artigos acadêmicos, tais como referências a mensagens pessoais e observação de situações cotidianas vividas pelo pesquisador. Como o objetivo é reabilitar os léцитos de figuras negras do final do período arcaico, retirando esta produção feita em larga escala da sombra de preconceitos herdados da arqueologia feita como história da arte (em moldes de história da arte como *Beaux Arts*), o texto cumpre seu papel, alertando o leitor que esta linha produtiva de vasos áticos tem muito mais a nos ensinar sobre o período do que se supunha.

Neste diálogo entre uma coleção de vasos gregos conservada no Canadá e o olhar de pesquisadores brasileiros – historiadores e arqueólogos que enxergam

caminhos profícuos na cultura material e na iconografia – emerge um conjunto de ensaios que, ao mesmo tempo, aponta, na perspectiva iconográfica, diferentes temas da cultura e sociedade grega antiga que podem ser analisados, e sugere, na perspectiva ceramológica, amplos debates, ora mais livres, ora mais sistemáticos, que abrangem a memória e as tradições da produção vascular morfológica e decorativa, bem como a interferência dos valores modernos na interpretação que se lança sobre estes vasos ou conjunto de vasos antigos.

Cabe um agradecimento à Revista *Interfaces Brasil/Canadá* pela abertura deste espaço de discussão a um tema tão específico, inclusive dentro dos Estudos Clássicos. A ceramologia e os estudos iconográficos para os contextos aqui abordados são desenvolvidos de maneira interdisciplinar por pesquisadores que procuram fortalecer a interlocução entre fontes documentais e materiais. Encontra-se, nesta publicação, portanto, um fértil campo de diálogo e de colaboração para a produção do conhecimento científico sobre a Antiguidade clássica que, desenvolvidos no Brasil, podem projetar-se para outras áreas do conhecimento. Nossas loas aos editores da *Interfaces*, pela compreensão da importância em se alargarem os diálogos culturais canadense-brasileiros à cultura material e à produção de conhecimento sobre esta forma de patrimônio cultural que, por ser comum à humanidade, nos une: o legado greco-romano conservado no Novo Mundo.

Pelotas, 5 de maio de 2015

Editores convidados

Fábio Vergara Cerqueira e Carolina Kesser Barcellos Dias

Laboratório de Estudos da Cerâmica Antiga – LECA/UFPel